



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Ciências Humanas - IH
Departamento de Filosofia - FIL

TENSÃO EM ESTADO PURO: CRIANDO MÁQUINAS MITOLÓGICAS

Sabrina da Costa Lopes Gonçalo

Brasília - DF

2023

Sabrina da Costa Lopes Gonçalo

TENSÃO EM ESTADO PURO: CRIANDO MÁQUINAS MITOLÓGICAS

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel e Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ernaldo Gontijo

Brasília – DF

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Luiza, por ter me coberto com círculos mágicos e ter tornado possível.

Agradeço à minha avó, Maria Lopes, por tudo.

Agradeço ao professor Hilan, até agora estou tentando atravessar o hiperfluxo.

Agradeço ao Afonso, incapturável e duradouro.

Agradeço à Gabi.

Agradeço aos meus amigos pelo carinho e amor, sem o qual também não seria possível, Brendo, Isis, Luiza e Tamiris.

Por último, agradeço ao professor Pedro Gontijo pelo acolhimento e apoio.

*não quero faca nem queijo.
Quero a fome.*

Adélia Prado

*Amiga, cuidado com o significante que quer
reconduzir-te à autoridade de um significado!
Tem cuidado com os diagnósticos que gostariam
de reduzir teu poder gerador. Os nomes
"comuns" também são nomes próprios que
rebaixam tua singularidade, arrumando-a nesta
espécie. Romper os círculos; não fiques na
clausura psicanalítica: dá uma volta e atravessa!*

Hélène Cixous

Ao desejo.

RESUMO

A pesquisa pretende analisar como a máquina antropológica e mitológica ocidentais produzem e reproduzem círculos mágicos homogeneizadores em torno de povos na forma de mitos, ou seja, como esses dispositivos constroem narrativas que envolvem um tempo histórico específico da cultura de direita, baseadas no procedimento de tensão permanente entre dois polos: mito e mitologia, humano e animal. Neste trabalho mostraremos que não há algo como uma substância do mito ou do humano, existe apenas o funcionamento ininterrupto de máquinas narrativas políticas situadas que se pretendem naturais e fundacionais, mas que estão o tempo todo produzindo jogos metafísicos que fundam a si mesmas por meio da decisão soberana. Dada a impossibilidade de sair dos círculos mágicos dos mitos, pretendemos utilizar a tensão produzida pela máquina mitológica e antropológica, subtraída a decisão soberana, para a criação de novos círculos mágicos políticos possíveis fora da cultura de direita, ou seja, pensaremos em tensões que proliferem a diferença.

Palavras-chave: máquina mitológica; máquina antropológica; cultura de direita; aposta; escritura feminina.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1-FOME DE MITO: A MÁQUINA MITOLÓGICA EM FURIO JESI	11
2-FOME DE HOMEM: A MÁQUINA ANTROPOLÓGICA EM GIORGIO AGAMBEN	19
<i>Limiar</i>	24
3-FOME DE TRAVESSIAS: ESCRITURA FEMININA EM HÉLÈNE CIXOUS	28
CONCLUSÃO.....	34
Referências Bibliográficas.....	38

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa constitui uma das vertentes de outra pesquisa que tem início no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Trata-se, inicialmente, de uma lida com a obra do filósofo contemporâneo Giorgio Agamben, marcadamente a noção de máquina antropológica, que se entende posteriormente para outros autores, como Furio Jesi e sua máquina mitológica. O interesse se desloca para outras questões, herdando a tensão indissolúvel entre os polos extremos da máquina antropológica como centro, então a bibliografia é alargada, são incluídos Kunichii Uno e suas investigações sobre o bailarino Nijinsky, bem como Hélène Cixous e a escritura feminina.

Assim, o presente trabalho gira em torno da questão da potência criada pela tensão, especificamente como esta potência é utilizada, em máquinas, para manipular ou liberar os movimentos da existência. Nos dois primeiros capítulos investigaremos como a tensão é criada e capturada, por meio de decisões soberanas¹ para preencher, de modo momentâneo e a cada vez, o vazio que reside no centro da cultura de direita², criando politicamente toda uma atmosfera de tempo e espaço únicos, guiados pela instituição intermitente de verdades ditas naturais, controlando e a repreendendo as diferenças. Já nos dois últimos capítulos, tentaremos criar máquinas que liberem tal potência, qual seja, a de estar dentro da cultura dominante, mas ao mesmo tempo excedê-la, tornando possível a criação, também política, de outros círculos mágicos com temporalidade e espaço singulares, sem dominação, em uma relação de proximidade de uns com os outros, em um tempo de apostas.

Para atingirmos o objetivo principal, a investigação do funcionamento dessas tensões e como são manipuladas de forma política, para então tentarmos liberá-la, vamos explorar o funcionamento de algumas tensões em cada capítulo.

¹ É importante salientar que a introdução da noção de decisão soberana como dispositivo de captura das máquinas mitológicas e antropológicas é um movimento meu que ensaio ao deslocar tal conceito do pensamento de Giorgio Agamben, marcadamente da coleção *Homo Sacer*, para os âmbitos das investigações aqui levantadas.

² Cultura de direita nomeia uma relação específica temporal e espacial com o passado que ao mesmo tempo em que são fundamentadas no presente, pronunciam como devem ser o presente e o futuro de acordo com visões políticas da ideologia de direita. É, segundo Furio Jesi, a cultura dominante, que se produz e reproduz por meio da máquina antropológica, buscando, em última análise, homogeneizar e, portanto, exterminar a diferença.

No primeiro capítulo encontramos a máquina mitológica de Furio Jesi e sua tensão permanente entre mito e mitologia³, que resulta na produção de materiais mitológicos, ou seja, narrativas políticas que fundam círculos mágicos, formas de vida, que incluem o tempo e o espaço inflexível da profecia realizada, dentro da cultura de direita, uma cultura de controle e dominação.

Para demonstrar os perigos deste uso dos mitos, Jesi acusa seu mestre Kerenyi de, apesar de se contrapor aos regimes de extermínio da diferença da cultura de direita, ainda agir no âmbito dessa mesma cultura com o seu humanismo, que é permeado pelo ritual da *religião da morte*, aquela que busca revelar a identidade genuína de cada um conforme verdades intemporais que escondidas no mito. Tal movimento se dá, segundo Jesi, por meio da separação entre mito tecnicizado e mito autêntico feita por Kerenyi, já que dizer que há um mito genuíno é afirmar existência destas verdades atemporais que só podem ser acessadas pelos sábios, quando o que ocorre é que os mitos criam essas verdades.

Jesi nos mostra que não há nada dentro da máquina mitológica a não ser o vazio preenchido pelas tensões entre mito e mitologia, preexistente e existente. Assim, máquina mitológica é uma estratégia política que manipula as narrativas enquanto as faz passar como naturais, é uma máquina política da cultura dominante. Neste sentido o autor chama para uma criação política, ou seja, ética e responsável, de novos círculos mágicos em que proliferem as diferenças.

Já no segundo capítulo analisaremos a máquina antropológica em Giorgio Agamben, aqui a nossa perspectiva sobre a tensão é a da antropogênese, o constante tornar-se homem do vivente, a tensão é entre humano e animal. Ela se dá por meio de jogos metafísicos entre dentro e fora história e natureza, homem e animal, vida e morte. Esses jogos metafísicos são feitos de capturas para dentro da máquina, cisão em polos distintos e opostos e, por fim, a rearticulação desses polos por meio de decisões soberanas que instituem fronteiras e decidem quem está dentro ou fora, que vida é qualificada ou não, o que pode morrer ou viver.

³ Sobre a diferença entre mito e mitologia para Furio Jesi, marcadamente no texto *Gastronomia Mitológica* (2018): "... relação entre o mito e os materiais mitológicos: entre o objeto latente, que não é verificável na história, que não é predicável de existência ou de não-existência histórica (isto é, o mito), e os objetos que chamei de 'materiais mitológicos' (isto é, a mitologia ou as mitologias, a respeito das quais encontramos testemunhos na história)." (p.4)

Esta é, precisamente, a forma com que a ontologia ou a história do ser cria e controla o destino do homem, ou o que chamamos de história. Tudo isso em uma temporalidade e espacialidade da profecia realizada, conforme acontece na máquina mitológica, a história é uma enunciação desse tornar-se homem. Toda esta instrumentalidade só possível por conta da tensão entre humano e animal, que, conforme Agamben explicita, tem no seu centro apenas o vazio.

O paradigma para demonstrar essa estratégia da metafísica ocidental é o da cisão e rearticulação das formas de vida em Aristóteles entre a *bios* (vida qualificada) e *zoé* (vida vegetativa). Agamben diz que Aristóteles nunca traz uma definição de vida, apenas as separa e rearticula hierarquicamente, num movimento de pressuposição, ou seja, a vida qualificada ou política pressupõe a vida vegetativa. Esta é a incessante fome de homem da antropogênese, sempre em movimento, decidindo soberanamente a cada fome sobre o humano e o animal.

É importante notar que as duas máquinas são narrativas, como analisado por Agamben, a linguagem é o que está oculto em ambas, no rastro de Aristóteles, a comunidade humana política é formada pela linguagem, as noções de bem e mal e justo e injusto. Aqui nos encontramos com a potência da linguagem, a da ambiguidade, de incluir excluindo estando dentro e fora simultaneamente. O que obstrui tal potência é justamente a decisão soberana, ao captura-la guiando o vazio e a fome para determinados fins políticos da cultura de direita.

Limiar é um capítulo intermediário que compõe um ensaio de passagem. É uma tentativa de trabalhar as tensões entre os polos contrários dos sentidos, que foram capturados e cindidos pelas máquinas antropológica e mitológica na sua potência liberadora, longe da decisão soberana. Trata-se de adentrar na singular escrita dançante do diário do bailarino Nijinsky, feita por Kunichii Uno, local em que o bailarino escreverá, com a própria carne, o princípio lógico do terceiro excluído “eu é deus e eu não é deus”, tensão que implode os sentidos (da cultura dominante), afasta a identidade (pela aposta do eu no jogo da escritura), a captura pela decisão soberana e continua a diferença na forma de ritmos, aqui a questão central é o movimento, a dança, o desejo de dança, a máquina de Nijinsky só contém tensão: tensão em estado puro, pura fome.

E finalmente no terceiro capítulo iniciaremos outra tentativa de criar uma máquina mitológica, desta vez guiada pela noção de escritura feminina de Hélène

Cixous. Como as máquinas são narrativas, o âmbito privilegiado da discussão é a escrita, em especial a potência da linguagem em estar simultaneamente dentro e fora da cultura de direita. A captura dessa potência pela cultura dominante visa homogeneizar a existência. Aqui iremos contextualizar a homogeneização: a escritura ou a história do homem tem sido repressora, masculina, falocêntrica⁴, ou seja, a mulher, na *sua* singularidade nunca teve sua voz, escrita, discurso, está sempre dentro do discurso hierárquico masculino. Mas é justamente nesta tensão que Cixous encontra a potência da escritura feminina, a de estar dentro e fora da cultura, por ser reprimida, amordaçada e ao mesmo tempo excede-la, rindo dos seus sentidos, entortando-os e voando para além e aquém em direção a travessias vertiginosa no outro, em uma espécie também de aposta do eu, em que os contornos da identidade são borrados e a mulher vira carne espaçosa, no espaço e tempo em que tudo se infiltra em tudo, tudo é vizinhança, movimento e transformação, o tempo e o espaço da aposta diz respeito a se colocar na e com escritura, corpo e palavra. Isto porque, do lado dos sentidos está a onda multiplicadora da diferença.

Cixous nos mostrará que a técnica milenar usada pelas mulheres para tanto é o furto voo entre o dentro e o fora, entre voos, diferente do discurso masculino que quer dominar, cindir, rearticular, instituir fronteiras, capturar, a fome da escritura feminina é de jornadas, de alterabilidade, de ser vários, movimento sem cálculo. É sobre encontrar fendas, pela escrita, por onde se possa transbordar.

Nas duas últimas máquinas o espaço e o tempo diferem das duas primeiras, enquanto a máquina mitológica e antropologica funcionam e instituem um tempo específico, o da profecia realizada, tempo inexorável de realização do destino do homem, a máquinas de dança e voo liberam a potência da linguagem, a tensão é

⁴ Usaremos aqui a concepção de falocentrismo presente em *O Riso da Medusa* (2017) de Cixous: homogêneo à história da razão ou da escrita: “Quase toda a história da escrita se confunde com a história da razão, na qual ela é ao mesmo tempo o efeito, a sustentação e um dos álibis privilegiados. Ela tem sido homogênea à tradição falocêntrica. Ela é o próprio falocentrismo que goza de si mesmo e se felicita.” (p.134). A que tipo de escrita Cixous se refere? “(...) estou dizendo escritura masculina. Sustento, sem equívoco, que existem escrituras bem *características*; que a escritura tem sido, até o momento, repressora, de maneira bem mais acentuada do que se possa suspeitar, ou confessar, gerada por uma economia libidinal e cultural - portanto política, tipicamente masculina -, um lugar em que se reproduz mais ou menos conscientemente, e de uma maneira temível, pois frequentemente ocultada, adornada com os charmes mistificadores da ficção, a repressão da mulher; um lugar que zombou grosseiramente de todos os signos da oposição sexual (e não da diferença) e em que a mulher nunca teve seu discurso. Isto é tão grave e imperdoável que justamente a escritura é a *própria possibilidade de mudança*, o espaço onde pode se lançar um pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais.” (Idem)

liberada do controle da decisão soberana em favor da aposta, nesta jornada sem pressuposição, travessias perigosas que põe em jogo o eu, os significados e círculos mágicos da direita, tornando possível a criação de outros círculos mágicos singulares e em movimento: tensão em estado puro.

Tendo em vista que a pesquisa é uma tentativa de travessia por singularidades, tentamos, ao lidar por meio de aproximação, vizinhança, evitar recair no discurso masculino ou da cultura de direita que deseja dominar e tornar objeto. Este trabalho constitui, de fato, uma aposta, o encontro tanto com os autores quanto com os temas fazem parte e se entrecruzam com a minha própria carne espaçosa. A aposta ainda está em movimento.

1. FOME DE MITO: A MÁQUINA MITOLÓGICA EM FURIO JESI

Nós herdamos de nossos ancestrais uma tal recarga do corpo que faz as pessoas chorarem.

HjikataTatsumi

Furio Jesi foi um mitólogo italiano nascido em Turim no ano de 1941. Dá início a sua prodigiosa carreira aos 15 anos de idade, ao publicar estudos sobre Egito e Grécia antigos, temas mitológicos e culto dos mistérios, contudo, a partir de 1960, inicia um itinerário fronteiriço que perseguirá até a sua morte. Ao sair dos limites acadêmicos estritos da disciplina dos estudos egiptológicos e suas dualidades – como a oposição entre mito e história - o mesmo inaugura uma investigação que se situa para além do mito.

Jesi começa a perceber que mito não tem a ver, necessariamente, com autenticidade, a saber, com a busca de uma substância verdadeira e atemporal nessas narrativas mitológicas, como propunha seu então mestre Károly Kerényi. Observando que é mais importante investigar, para além do âmbito fechado dos estudos do mito, como ele sobrevive, os seus usos políticos para a conservação da ordem instituída e possíveis perigos que surgem desse movimento “*Não é possível dedicar um certo número de anos ao estudo dos mitos, ou dos materiais mitológicos, sem se deparar muitas vezes com a cultura de direita e sentir a necessidade de enfrentá-la.*”(JESI, 2022, p.23)

Ao se deparar reiteradamente com esses fantasmas, o autor decide, em *Cultura de Direita* (2022), deslocar o mito do seu isolamento enquanto verdade em si para observar suas relações peculiares, sempre atuais e atualizadas, com o presente, o passado e o futuro, descobrindo que as mesmas são produzidas e reproduzidas por um dispositivo que mais tarde chamaria de máquina mitológica. Neste sentido, a investigação identifica tais fantasmas com relações singulares, muito palpáveis e próprias da cultura de direita, formada por um conjunto de gestos e palavras que integram o aporte cultural no qual estamos inseridos por incrustações.

Esse aporte da cultura de direita é tão forte, pois, mesmo diante das singularidades regionais e localizadas, a história, quer dizer, a marcha da história do

humanismo, do movimento contínuo do tornar-se Homem⁵, foi escrita e contada pelos vencedores, os que detinham algum poder e recursos materiais diante do resto, dos mais fracos, mais pobres, desumanizados e não humanos, conforme as palavras de Jesi (2022):

(...) a maior parte do patrimônio cultural, mesmo de quem hoje não quer, de forma alguma, ser de direita, é resíduo cultural da direita. Nos séculos passados, a cultura protegida e ensinada foi, sobretudo, a cultura de quem era mais poderoso e mais rico, ou, mais exatamente, não foi exceto em mínima parte, a cultura de quem era mais fraco e mais pobre. É inútil e irracional escandalizar-se com a presença desses resíduos, porém é necessário procurar saber de onde provêm. Uma cultura, sem dúvida, não se constitui apenas de incrustações da linguagem que se faz presente nela; porém a sobrevivência imperturbável dessas incrustações é, pelo menos, suspeita, a partir do momento em que uma cultura e uma linguagem significam também uma ideologia e um quadro bem definido de relações sociais. (JESI, 2022, p.26)

A estas insistentes incrustações da cultura de direita que sobrevivem através e por meio da história correspondem lugares comuns apontados como verdades cósmicas, estereótipos perigosos como os do racismo, que identificam características negativas como “*estupidez, sujeira, preguiça, agressividade, vício, sexomania etc*”(JESI, 2022, p.14) a indivíduos ou grupos por conta de sua etnia ou cor. Resultando em heranças da tradição dominante, dissimuladas e perpetuadas enquanto palavras e gestos cotidianos e banais, mas que estão sempre a se referir à ideologia de direita, como em um ritual, que, no fundo, esconde uma repulsa pela história disfarçada de devoção ao passado virtuoso, concomitante a uma fixidez mortificante dissimulada de força ativa contínua (JESI, 2022).

Tal sobrevivência só é possível por meio de uma complexa manipulação dos mitos realizada pela máquina mitológica da direita (JESI, 2022), dispositivo que se encontra em funcionamento ininterrupto sendo responsável pela criação e manutenção dessas narrativas. É importante ressaltar que a cultura de direita corresponde a uma política, nada inocente, de utilização dos materiais mitológicos para objetivos específicos de exclusão da diferença. Um outro exemplo claro desta operação é a manipulação de mitologias para reafirmar o lugar comum do judeu malvado e corrupto que culminou no nazismo e seu corolário: aniquilação dos judeus e demais diferentes.(JESI, 2022)

⁵ “a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro.” (Haraway, 2000, p. 37)

Para Jesi (2014) a potência da máquina mitológica reside no jogo de contínuas oscilações e tensões entre mito e mitologia “*A máquina, com sua presença que funciona, é um constante remeter à tensão entre pré-existente e existente enquanto produto da máquina, entre mito e mitologia, e tal tensão, perenemente irresoluta.*” (JESI, 2014, p.53). Neste sentido, a mitologia é material, ou seja, verificável na história, já o mito não pode ser localizado na história, sendo assim inacessível e vazio.

Mas a máquina mitológica oferece ao faminto de mitos seu produto, as mitologias, que acalma parcialmente a fome. A existência da máquina mitológica é empiricamente verificável: e isso não se pode dizer do mito; enquanto a fome de mitos é empiricamente verificável, não se pode ter nenhuma certeza empírica sobre a existência do objeto de tal fome; enquanto as mitologias são empiricamente verificáveis como produtos da máquina mitológica, a existência do mito se subtrai a qualquer verificação empírica. (JESI, 2014, p.51)

A tensão que ocorre entre esse pré-existente e existente resulta também em uma espécie de vazio, produzindo então uma insaciável fome de mito (JESI, 2014), ou seja, fome de verdades incompletas, essencial para o incessante funcionamento da máquina e, portanto, para a manutenção da subjacente cultura de direita. Assim, os produtos dessa tensão são narrativas que aliviam momentaneamente a fome de mito.

Ainda segundo Jesi o vazio é uma estratégia para a produção de outros vazios. A manipulação realizada pela máquina mitológica tem por base esta operação. É preciso que a máquina seja auto-fundante para que possa controlar o tempo - essa ligação inexorável entre passado, presente e futuro -, as narrativas e, portanto, a realidade. A máquina mitológica produz o que nela já está pressuposto, ou seja, suas projeções são intencionais e políticas.

A máquina mitológica é auto-fundante: coloca sua origem no *fora de si* que é o seu interno mais remoto, seu coração de pré-ser, no instante em que se coloca em ato. Essa pressuposição de origem (o remeter-se ao mito) é totalizante: envolve todos os instantes e os âmbitos espaciais de funcionamento da máquina, uma vez que o *fora de si* em que a máquina coloca a própria origem é seu centro. Todo fato mitológico é, assim, ele próprio pressuposição da própria origem, que é também a origem da máquina. (JESI, 2014, p.53)

A especificidade política da máquina mitológica da cultura de direita está associada à forma com que ela lida com o tempo, manuseando-o e controlando-o, como

já pontuado anteriormente, por meio de designações eternas que unem passado, presente e futuro, cuja sigla das palavras e gestos nada mais significa que o mandamento “*adequar-se aos futuros eventos que, queiramos ou não, estão para chegar.*” (JESI, 2022, p.25) que guiou, segundo Jesi, tanto o “*comportamento de grupos de extermínio nazistas*” quanto os dos “*profissionais da cultura: as fogueiras de homens, mas também de livros, louvadas por Alfred Baeumler, a filiação de Pirandello ao Partido Fascista no dia seguinte ao assassinato de Matteotti.*” (Idem)

Assim, as relações temporais singulares da cultura de direita seguem a fórmula da profecia já realizada, que divide o tempo em passado, presente e futuro, enquanto, simultaneamente os une em torno do mito, desta narrativa profética: uma irradiação do verdadeiro passado, que é manifestada no presente em direção ao futuro. Trata-se, então, de uma marcha linear, anunciada pelas narrativas mitológicas, ou seja, uma marcha rumo ao destino. “*Uma profecia do futuro que responderá, verdadeiramente, a suas evocações para que os valores do passado, sobre os quais se baseia para dar força ao chamado dos dias por vir, sejam valores eternos e metamórficos.*” (JESI, 2022, p.33)

O âmbito de incidência da máquina, quer dizer, o local em que tal temporalidade se aplica é constituído por um círculo mágico, ao qual Jesi (2014) também denomina de fato mitológico, construído por um tipo especial de relação: “*O fato mitológico é um período e um âmbito espacial determinados de funcionamento da máquina mitológica e envolve certo número de homens: os que narram as mitologias, os que as escutam, os que a elas identificam modelos de comportamento.*” (JESI, 2014, p. 52)

Isso implica dizer, seguindo interpretação posterior de Agamben (2015) sobre a noção de círculo mágico, que todos os períodos e espaços de relações humanas são compostos pelo funcionamento da máquina mitológica, e que as produções mitológicas destas máquinas são realizadas entre os homens nessa relação de narrativa, escuta e propagação enquanto modelos morais. O círculo mágico é a atmosfera que subjaz à existência, seja individual ou social, é a verdade ou ideologia própria de cada círculo social, seja ele uma família ou mesmo um país. No interior destes círculos mágicos circulam *ideias sem palavras*, conceituadas por Jesi:

Essa continuidade não é de *palavras*, mas de escolha de uma linguagem das ideias sem palavras, que presume poder dizer a verdade, portanto, dizer e, ao mesmo tempo, ocultá-la na esfera secreta do símbolo, sem uso das palavras, ou melhor, ignorando preocupar-se demasiadamente com símbolos modestos, como as palavras que não sejam palavras de ordem. Daí a desenvoltura no uso dos estereótipos, das frases feitas, das locuções recorrentes; não se trata apenas de pobreza cultural, de vocabulário objetivamente limitado por razões de ignorância; a linguagem usada é, ao contrário, de ideias sem palavras, e pode contentar-se com poucos vocábulos ou sintagmas: o que conta é a circulação fechada do <<segredo>> - mitos e ritos – que o falante tem em comum com os ouvintes, que todos os participantes na assembleia ou no coletivo, têm em comum. (JESI, 2022, p.27)

Essas *ideias sem palavras* nada mais são que o lugar comum da cultura de direita, conforme mencionamos anteriormente com o exemplo da imagem do judeu malvado e corrupto, feitas de estereótipos que excluem a diferença (JESI, 2022). As palavras e os gestos são símbolos e remetem sempre a esta cultura em uma circulação fechada e ritual entre os membros de determinadas coletividades ou círculos mágicos.

O humanismo, enquanto tutor do desenvolvimento progressivo da humanidade parece querer afastar, por meio de um processo contínuo de desmistificação, todo teor esotérico e hermético presente nos regimes anteriores de conhecimento baseados em mitos e ritos. Trata-se de uma caminhada para o esclarecimento por meio da razão do homem, baseada na investigação científica e distante dos mistérios do sobrenatural. Contudo, Jesi (2022) mostra, por meio de ampla crítica aos humanistas, muitos dos quais também estudiosos do mito, em especial seu mestre Károly Kerényi, como o próprio humanismo se encontra envolto nos rituais da cultura de direita.

Humanista como se declara, tem discípulos ou aspira tê-los (e sofre com a falta deles); para realizar o ato ritual que revela a *eles* a identidade *deles* de homens totalmente vivos em relação à <<mitologia autentica>> deve escolher para si mesmo a *religio mortis*.(FURIO, 2022, p.15)

Assim, o mitólogo pode acusar o “mascaramento humanista” de Kerényi ao classificar, nos seus estudos, o mito por meio da separação entre mito tecnicizado e mito genuíno como um movimento dentro da cultura de direita. Pois além de legitimar a narrativa da existência de mitos sagrados vivos, incontornáveis e verdadeiros com a noção de mito genuíno, retoma a mesma relação perigosa com o tempo própria da máquina mitológica reafirmando a religião da morte ou cultura de direita. Aqui, o humanismo burguês reproduz o mesmo gesto ritual do mestre esotérico, afirmando a existência de verdades intemporais nos conteúdos do mito, verdades que constituem

fontes para presente e o futuro. A única diferença é sobre quem poderia acessar tais verdades: o mestre, no registro esotérico e o sábio, humanista e pedagogo, no âmbito do humanismo.

Em Kerényi o ritual perfaz ciência do mito e seu objeto de investigação: a designação da existência (genuíno) de verdades atemporais presentes nessas narrativas, conforme apontado por Jesi no texto *A Festa e a Máquina Mitológica*:

A máquina mitológica aparece, com efeito, como o elemento do qual deriva uma unificação qualquer entre as festas de ontem e as “festas” de hoje: ambas ocasiões espaço-temporais de funcionamento de tal máquina. Da contraposição que já indicamos entre “festa” de hoje, na qual a visão é excluída, e festas de ontem, em que a visão não era excluída, seria fácil passar à contraposição entre mito tecnicizado e mito genuíno, fazendo coincidir, sem esforço, mito genuíno e visão. Aí, todavia, essa segunda contraposição mostra, de modo particular, seus limites e os riscos de uma sua extensão indiscriminada a todos os níveis de pesquisa do fato mitológico. “Festa” de hoje e festa de ontem são ambas conexas ao funcionamento da máquina mitológica, mesmo que para a “festa” de hoje seja difícil falar de mito genuíno. A máquina mitológica sempre continua a funcionar, independente da genuinidade da substância presumida (o mito) que a faz funcionar. Ela continua a funcionar e a apontar naquilo que se diz fazê-la funcionar — o mito — uma substância genuína. Em numerosos casos é óbvio que não se trata de um mito genuíno, é óbvio que o mito é evocado e usado para especificar finalidades, portanto, tecnicizado; e todavia a máquina continua a remeter a ele como a uma substância genuína e ao próprio funcionamento como ao exteriorizar de tal substância. Isso não é apenas um fenômeno de hoje: mesmo “ontem” a máquina mitológica continuou a remeter ao mito como substância genuína, mesmo nos casos em que tal substância não era, de fato, genuína. (JESI, 2014, p.55)

Para Jesi (2014), a contraposição entre mito genuíno e mito tecnicizado advinda da teoria do seu antigo mestre é perigosa, já que faz com que se omita o principal: que os mitos não dizem respeito aos âmbitos da existência ou não existência material, já que produzem efeitos independentemente da sua autenticidade diante do mundo. O mito cria mundos, círculos mágicos que unem famílias, comunidades, países, produzindo e reproduzindo também imaginários e formas de vida.

Segundo Jesi, não há uma substância do mito, mas somente uma máquina que produz mitologias e que gera a tenaz ilusão de selar o mito dentro das suas próprias e imperscrutáveis paredes. Entretanto, seria inútil opor à máquina a inexistência do mito: a antítese *é/não é* é impotente tanto para atingir quanto para apenas criticar eventos que se colocam por definição em um outro mundo (e dos quais, portanto, só se pode dizer, nos termos de Jesi, que *não existem aqui* [ci non-sono]: “não há fé mais exata

num 'outro mundo' que *não existe aqui* [ci non-è] do que a declaração que tal 'outro mundo' não existe"). (AGAMBEN, 2015, p.78)

Para além da discussão sobre sua existência histórica, a sacralização das narrativas mitológicas mascara os perigosos e excludentes usos políticos do mito (JESI, 2022), sua constante manipulação para alcançar determinados objetivos dentro de uma cultura dominante.

Esses fins referem-se ao controle das fronteiras, que ocorre por meio da produção de verdades, sejam esotéricas ou mesmo científicas. Verdades em formas de narrativas que se irradiam por meio da relação que denominamos profecia já realizada, onde os mitos unem e guiam passado, presente e futuro em direção ao destino através da vigilância sobre os confins do humanismo. Conforme Jesi (2022), essas dinâmicas confluem no movimento de gestão e aniquilação da diferença, que, por sua vez, culminam em regimes de extrema direita.

Para não recair no registro da máquina mitológica de direita, como faz o mascaramento humanista, é preciso não retomar as ideias sem palavras, já que o fundo desse esoterismo, desses lugares comuns e frases feitas é a cultura de direita. Sendo assim, a repetição destes estereótipos não decorre da ignorância, mas de interesse político empenhado em produzir e reproduzir realidades e estruturas sociais conservadoras (JESI, 2022). Agamben ensaia saídas deste maquinário, se os interesses da manipulação de narrativas é evidentemente político, por mais que tente se mascarar de natural, então a movimentação para afrontá-las deve ser também política.

Portanto, não há saída? Não precisamos, responde Jesi, destruir as máquinas mitológicas em si, que <<se regenerariam como as cabeças da Hidra>>, mas a situação que as torna reais e produtivas: ou seja, para encontrar saída, deveríamos realmente nos mover<<para além dos limites da cultura burguesa, não apenas procurando deformar um pouco as suas barreiras fronteiriças>>. E <<a possibilidade dessa destruição é exclusivamente política>>. (JESI, 2022, p.20)

Ao mostrar que a máquina mitológica não revela verdades e sim as produz por meio de vazios, Furio Jesi nos deixa um chamado vivo e em movimento, assim como foi seu pensamento: é preciso dar atenção aos símbolos que dizem sem falar e, então, criar, com base em escolhas, ou seja, decisões políticas responsáveis e éticas, novos vocábulos, narrativas, máquinas mitológicas e, portanto, novos círculos mágicos que

transbordem, deformem, confundam e festejem as fronteiras do humanismo e da sua ideologia, a cultura de direita.

2- FOME DE HOMEM: A MÁQUINA ANTROPOLÓGICA EM GIORGIO AGAMBEN

Giorgio Agamben é um filósofo italiano contemporâneo, sua pesquisa carrega grande influência do pensamento de Furio Jesi, movimento que fez com que a obra do mitólogo fosse retomada nos dias atuais.

No interior desta constelação que é o pensamento de Agamben, há uma figura cujo funcionamento traz importantes proximidades com o da máquina mitológica: a máquina antropológica. Aqui, pretendemos analisá-la na tentativa de antever, por outra perspectiva – a da antropogênese - a mesma tensão irresoluta entre dois elementos: o humano e o animal, e entender como tal tensão é controlada.

O que é a máquina antropológica? Podemos responder de forma geral afirmando que é o processo inesgotável de hominização (AGAMBEN, 2017), ou seja, o eterno tornar-se homem do vivente:

A ontologia, ou filosofia primeira, não é uma disciplina acadêmica inócua, mas a operação, de toda maneira fundamental, na qual se dá a antropogênese, o tornar-se humano do vivente. A metafísica está atrelada desde o começo a esta estratégia: esta concerne precisamente à *metá*, que realiza e preserva a superação a *phýsis* animal na direção da história humana. (AGAMBEN, 2017, p.124)

Assim, o processo de antropogênese ou a máquina antropológica se confunde, segundo Agamben (2017), com a própria metafísica cujo percurso se dá enquanto desvelamento do homem de sua animalidade por meio da história humana. A história aqui aparece enquanto destino, e tal como ocorre na máquina mitológica, o tempo é o da profecia cumprida. A ontologia é essa enunciação, nos moldes do tempo da profecia realizada que encontramos ao estudar a máquina mitológica, com força imperativa, sempre atualizada, do homem do passado, do presente e do futuro.

Mas esta constante enunciação só é possível por ter no centro ambiguidades irremediáveis, Agamben (2017) nos lembra que é na tensão entre dois extremos que se encontra a estratégia e a potência da máquina: Trata-se de jogos metafísicos de articulação e divisão entre dentro e fora, pré-existente e existente, história e natureza, homem e animal, vida e morte, mito e mitologia.

Ainda nos rastros de Agamben (2017), é preciso ter em mente que o jogo da máquina antropológica, que ocorre entre os extremos humano e animal, funciona por meio da fundamental cisão e rearticulação metafísica ocidental, marcadamente aristotélica, da vida entre vida vegetativa ou *zoé* e vida qualificada ou *bios*. É importante notar que essa categorização da vida fundamenta todo um sistema hierárquico da existência dentro da *história da humanidade*⁶, que não se restringe apenas ao pensamento biológico, se espraiando para os campos político, ético e científico. (AGAMBEN, 2017b, p. 225)

A cisão tem lugar, como já mencionado, na separação da vida em estágios hierárquicos ou modos de viver que se dão por meio das funções de nutrição, de sensação e de pensamento. A função da nutrição ou potência nutritiva é o nível mais básico, portanto comum a todos os modos de viver, sejam os vegetais, aos animais ou aos homens.

Já a rearticulação é a pressuposição do que foi separado, e isso acontece porque a máquina também é auto-fundante: a vida qualificada ou política necessita da vida vegetativa, das funções de nutrição e sensação: “*O que foi separado e dividido (no caso, a vida nutritiva) é precisamente o que permite construir a unidade da vida como articulação hierárquica (...) cujo significado último é (...) imediatamente político.*” (AGAMBEN, 2017b, p.227) Assim, o viver humano, especificamente o viver político carece dos demais modos de viver, especialmente da *zoè*.

Um reconhecimento sumário das acepções dos termos *zoé* e *zen* nos mostra que, embora Aristóteles nunca apresente uma definição axiomática dos mesmos, é justamente a articulação entre eles no par “viver” / “viver bem”, “vida natural” / “vida politicamente qualificada”, *zoè* / “*bios*”, que permite definir a esfera política. A célebre definição da *polis* como “nascida em vista do viver [*tou zen*] , mas existente em vista do viver bem [*tou euzen*]” (*Política*, 1252b 28-30) deu forma canônica ao entrelaçamento entre vida e vida politicamente qualificada, entre *zoé* e *bios*, que devia continuar decisiva na história da política ocidental. (AGAMBEN, 2017b, p. 222).

A cisão e articulação entre o par vida natural (*zoè*) e vida qualificada (*bios*) revela o grande mistério da máquina antropológica: seu centro é vazio, possuindo apenas a tensão permanente entre humano e animal. A vida, seja ela vegetativa ou qualificada, nunca é definida, já que no interior da máquina não há nada além desta

⁶ Que neste trabalho utilizaremos como sinônimo da metafísica e do falocentrismo.

operação de separar e articular os polos. *“Tudo acontece, então, como se, em nossa cultura, a vida fosse algo que não pode ser definido, mas que, exatamente por isso, deve ser incessantemente articulado e dividido.”* (AGAMBEN, 2017, p. 27)

Para Agamben a constante cisão e rearticulação entre humano e não humano, dada pelo centro vazio do poder, é condição para a instrumentalidade própria do governo do mundo ou cultura de direita *“[...] o centro da máquina governamental está vazio. O trono vazio, a hetoimasia tou thronou que aparece nas arcadas e nas absides das basílicas paleocristãs e bizantinas, talvez seja, nesse sentido, o símbolo mais carregado do poder.”*(AGAMBEN, 2011, p.11). A tal zona de indiferença corresponde a fronteira móvel da máquina antropológica *“Justamente porque o humano já é, com efeito, pressuposto, a máquina produz na realidade um tipo de estado de exceção, uma zona de indeterminação na qual o fora não é exclusão de um dentro e o dentro, por sua vez, tampouco é a inclusão de um fora.”* (AGAMBEN, 2017, p. 61)

É esta operação que torna possível uma contínua manipulação política que visa produzir hierarquias entre os viventes, por meio do funcionamento da máquina antropológica, criando a vida qualificada e a vida nua: as vidas excluídas da comunidade política, a exemplo do escravo e da mulher⁷. Assim, a máquina da antropogênese produz uma fome insaciável de homem. Tal como na máquina mitológica, o produto das operações realizadas nunca está acabado, a fome de homem é sempre do porvir e a máquina antropológica de agora oferece apenas tréguas a essa fome.

A máquina mitológica é um dispositivo que com sua presença que funciona “vital”, dá tréguas à fome de mitos sem jamais satisfazê-la por inteiro. Seu funcionar remete incessantemente ao alimento mítico, que, entretanto, permanece inacessível, e, no lugar deste, oferece o alimento mitológico. (JESI, 2014, p. 51)

Neste sentido, as tréguas advindas do movimento permanente não são um dado qualquer, mas uma estratégia essencial de gestão das fronteiras móveis, é o que torna possível a decisão soberana. A decisão é feita a cada fome ou funcionamento singular

⁷ “Isso acaba sendo mais problemático na medida em que existem, dentro dos limites da *polis*, vidas humanas que participam de uma comunidade de *zoè*, mas que estão excluídas da comunidade política. O escravo, por exemplo, vive em uma comunidade de vida (*koinonos zoes* – 1260a 40) com o senhor, mas não em uma comunidade política, e o mesmo se pode dizer a respeito da mulher.” (Agamben, 2017. p. 224.)

da máquina, seja ela a antropológica – decidindo sobre o que é humano e o que é animal, ou seja, sobre a vida e a morte -, ou a mitológica – decidindo sobre o que é uma narrativa autêntica ou tecnicizada, também sobre a vida e a morte (AGAMBEN, 2017).

Isso acontece porque as máquinas são, antes de tudo, conforme nota Agamben em seu texto *O Talismã de Furio Jesi*, máquinas narrativas. O que se encontra oculto em ambas é a linguagem. A linguagem é o operador que inclui excluindo, a portadora da ambiguidade capaz de promover tanto a cisão quanto a tensão irresoluta entre ser e não ser, dentro e fora, humano e animal, mito e mitologia:

Ainda que Jesi nunca o diga de maneira explícita, é lícito supor que esse "fundamento sólido e obscuro" do processo gnosiológico não seja, em última análise, nada mais que a linguagem. Toda língua (seria possível dizer parafraseando uma tese de Humboldt que Jesi amava citar) lança ao redor do povo que a fala uma espécie de círculo mágico do qual não é possível sair a não ser com a condição de entrar no círculo mágico de uma outra língua e de um outro povo. O mito é esse círculo mágico, e a esfera das coisas que *não existem aqui* [ci non-sono] com a qual ele se identifica é o que a linguagem humana incessantemente produz e pressupõe no seu coração de não-ser. (AGAMBEN, 2015, p. 79)

O círculo mágico é o âmbito de espaço e tempo em que são tomadas as decisões soberanas, a cada vez, que incluem e excluem formas de vida com base na capacidade de distinção entre o bem e o mal, o justo e o injusto, processo que se dá, como já mostrado anteriormente, por meio de relações humanas entre os que narram, os que escutam e os que veem nessas histórias modelos de comportamento. A decisão incessante acontece na linguagem, nas narrativas que formam mundos comuns: a“(...)política humana é distinguida daquela dos outros viventes porque fundada, através de um suplemento de politização ligado à linguagem, sobre uma comunidade de bem e de mal, de justo e de injusto (...).(AGAMBEN, 2002, p. 10)

Nas duas máquinas a linguagem é o local privilegiado da decisão soberana. O que seria a decisão soberana? Talvez nos seja útil a definição dada por Carl Schmitt e lembrada por Agamben: “soberano é quem decide sobre o estado de exceção” (AGAMBEN, 2002, p.19) O que liga a linguagem à decisão soberana é justamente a captura da potência da ambiguidade, própria da linguagem, guiada pela decisão soberana. Aqui, a linguagem está dentro e fora, simultaneamente, para demarcar confins e fronteiras e instituir verdades.

O vazio do centro das duas máquinas existe porque os ritos da cultura de direita são compostos por incessantes decisões políticas que criam tensões a todo tempo, visando a produção e fixação de valores eternos e metamórficos -no tempo da profecia realizada que é o destino –, bem como formas de vida homogêneas, ao mesmo tempo em que produzem a diferença apenas para expiá-la: As máquinas mitológica e antropológica funcionam como máquinas de guerra homogeneizadoras, conforme nos lembra Jesi (2011).

O humanista Kerényi, no rito de cindir e rearticular o par mito genuíno e mito tecnicizado, está decidindo sobre o que está dentro e fora do círculo mágico, que, por sua vez, se encontra ainda no interior da cultura de direita.

Limiar

*O que há entre uma xícara e outra xícara
entre uma pedra e uma rosa
entre Vênus e uma cadeira*

Ana Martins Marques

Nós somos os ritmos

Nijinski

Talvez o humanismo seja uma uniformidade demasiadamente grande para nós agora, por isso deixaremos o mitólogo Kerényi com seus sábios ritos de separar para conquistar e iremos em direção ao bailarino Vaslav Nijinsky na sua singular coreografia esquizofrênica, dançada na escrita do seu diário.

Kuniichi Uno (2012), ao se deter no processo de escrita do diário, chama atenção para a tentativa de escrever ali o princípio do terceiro excluído “*No Diário de Nijinsky aparecem com frequência expressões que comportam uma antinomia (...) o paradoxo que diz “eu” é Deus e não é Deus (...). Esta estratégia está diretamente ligada ao desejo da dança.*” (UNO, 2012, p. 22)

A estratégia está ligada ao movimento contínuo que tem lugar na tensão entre dois enunciados contraditórios, o paradoxo que surge na tensão afasta qualquer captura em uma forma pré-concebida da dicotomia do pensamento, da lógica e da gramática (e porque não da cultura de direita). A dança de Nijinsky não remete a rituais sagrados, mas os implode ao colapsar os sentidos da linguagem, continuando a diferença na forma de ritmos:

Mesmo nas fotos onde ele se imobiliza em uma pose, a imagem de Nijinsky é aureolada com linhas de forças difíceis de determinar e conseguir revelar uma forma, o que lá está é a gênese do movimento. Mesmo a imobilidade ainda é continuação do movimento. O diário não testemunha a dança consagrada por Deus, a dança sagrada, mas a dança que continua a diferença. (UNO, 2012, p. 21)

Mito e mitologia, pré-existente e existente, entre o fora e dentro o deslocamento causa tensão dos dois extremos. Por meio da contradição, um anula o outro dissolvendo os dois sentidos em movimento, a tensão entre o dentro e o fora vira

ritmo, mito e mitologia agora dançam em uma máquina que só contém tensão. Nijinsky se encontra na potência da linguagem: dança em estado puro.

É o movimento que afasta os sentidos e a decisão soberana que pretende reiteradamente fixar, capturar para dentro da cultura de direita, incrustar. Longe da semântica e da lógica dicotômicas do sentido que só reconhecem verdadeiro e falso, realidade e ficção, a dança coloca em jogo os paradoxos e abre espaço para a incessante diferença, implodindo, através da palavra, a dicotomia por meio da própria tensão dicotômica *“Aqui só importam o movimento e a gênese. Todas as identidades, no interior da repetição de enunciados paradoxais, se transformam em aproximações ou analogias sem fronteiras.”* (UNO, 2012, p.25)

Se as máquinas têm em comum a incessante tensão entre opostos, o paradoxo, o vazio no centro, o que empresta potência singular à máquina de Nijinsky é precisamente a aposta: *“O que Nijinsky busca neste instante da escritura é se sentir como uma ‘aposta’.”* (UNO, 2012, p. 23)

A fronteira é incansavelmente instituída pela cultura de direita, seja entre mito e mitologia, humano e animal ou eu e outro. O que há por baixo das fronteiras? Ainda de acordo com Uno, os sentidos, já que eles sustentam tudo o que foi capturado pela decisão soberana, dando forma: *“Os sentidos se situam sempre sob a fronteira, face a face com a onda proliferante da diferença. Não há identidade, apenas ritmos.”* (UNO, 2014, p.21)

O bailarino só consegue implodir essas fronteiras e acessar a onda que produz diferença ao se colocar em jogo com e na linguagem. A aposta se dá quando ele se coloca em jogo, por meio da escrita, na tensão entre *“Eu sou Deus”*, *“Eu não sou Deus”* e *“Eu escrevo que sou Deus”*. Indo entre dentro e fora da escrita ele faz o vai e vem nos polos em uma anulação mútua, o que resta de Nijinsky e dos significados envolvidos na aposta é dissolução em uma superfície única e intensa de proximidades. (UNO, 2014, p. 25)

Detonadas as fronteiras, a identidade vira vizinhança incapturável:

“Eu sou Deus” não tem a ver com megalomania, não é nada além do detonador que aciona as identidades ilimitadas, ou melhor, as séries de vizinhanças do tipo *“Eu sou Egípcio, Indiano, Negro, Japonês...”* Ou ainda, as palavras se deixam escapar aos sentidos (para significar é preciso fazer funcionar identidades exclusivas) e vêm alargar esse plano que

confirma sempre os paradoxos. “Eu sou A. Eu sou B. Eu sou C...” “Eu sou A e não sou A.”, “Eu sou A. Eu escrevo que sou A.”, certamente ameaçando a gramática e a lógica. Mas, ao mesmo tempo, a superfície intensa que torna possíveis as palavras, a zona onde os sentidos se reduzem à zero é confirmada, e tudo se desloca enquanto ritmos através de diferenças ínfimas, os enunciados formam uma vizinhança sem demarcações. (UNO, 2014, p. 25)

Seguindo os passos de Jesi (2011), sabemos que a máquina mitológica ou antropológica é uma máquina de guerra contra a diferença. Sua estratégia de combate é criar identidades, fronteiras e sentidos, capturando-os para que sirvam aos seus interesses políticos, os interesses da cultura de direita. O jogo de Nijinsky não é este metafísico, sua coreografia não pressupõe nada que não seja o próprio desejo de dança, de movimento, sem fronteiras, onde “*tudo se infiltra em tudo*” (UNO, 2014, p.21), tudo está *entre* tudo. A potência da máquina é estar entre:

Desarticular os sentidos, a identidade, a doutrina, a representação, a troca, mesmo se não podemos capturá-los, fazer da linguagem uma membrana intensa preenchida de ondas como singularidade ou multiplicidade, que não podemos designar com palavras, produzir um plano de ressonância de vibrações do mundo, fazer vibrar a “voz de Deus” que não pertence a ninguém, que não tem identidade própria (...). (UNO, 2014, p. 32)

Vamos ao conceito do princípio do terceiro excluído: “*Para qualquer proposição há duas possibilidades: ou ela é verdadeira ou a sua negação é verdadeira. Logo, se há duas proposições contraditórias uma delas é verdadeira e a outra é falsa.*” Ao inscrever no seu diário o princípio do terceiro excluído, dançando, Nijinsky já não está mais nos registros da existência ou da não existência, mas em um plano intenso de criação de diferenças onde ele mesmo se torna um “salto”: “*terror e alegria de uma só vez.*” (UNO, 2014, p.32)

Para Agamben (2015) o gesto que acenaria uma confrontação com a máquina mitológica da cultura de direita já esta, de forma germinal, no próprio pensamento de Jesi, especificamente nas *Leituras* de 1972: O Afrontamento da máquina mitológica dominante perpassa pela inscrição do princípio lógico do terceiro excluído no texto, por conseguinte, no corpo, trata-se da declaração simultânea da existência e da não existência dos sentidos que compõem a máquina. O bailarino pressente sua saída da máquina mitológica ao declarar ao mesmo tempo, por meio de gestos da sua dança na sua escritura, a existência e a não-existência.

É no fim da “Leitura” que Jesi parece acenar para uma possibilidade desse gênero escrevendo: "Quebrar essa raiz significaria dispor de uma linguagem ou de um complexo de gestos capazes de afrontar a máquina mitológica num plano que consentisse declarar ao mesmo tempo a existência e a não-existência daquilo que a máquina diz conter...". Dois anos depois, no ensaio sobre Kerényi, ele cita a frase com a qual o grande mitólogo compendiava o comportamento justo em relação ao "mito da morte" na consciência de que "a morte é algo e ao mesmo tempo nada" (AGAMBEN, 2015, p.79)

Aqui ainda estamos no terreno da fome, mas ao contrário das anteriores, manipuladas pela decisão soberana, a fome de dança de Nijinsky é movimento, insaciedade em estado puro.

3- FOME DE TRAVESSIAS: ESCRITURA FEMININA EM HÉLÈNE CIXOUS

A beleza não será mais proibida

Hélène Cixous

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues.

Donna Haraway

Seria necessária também uma máquina do tempo que pudesse trabalhar à distância, remoer o longe e o perto, torcer, dobrar e conectar o dentro e o fora.

Kuniichi Uno

*ela diz que agora sonha apenas com o mar
que seus cabelos são algas e não serpentes
e que dançam lentamente no fundo de um oceano
cheio de monstros, como são os oceanos*

Ana Martins Marques

A captura da escritura pela cultura de direita visa, como já dito, homogeneizar as existências. Captura que se dá por meio de variadas estratégias como já mostrado no caso da máquina mitológica em Furio Jesi ou da máquina antropológica em Giorgio Agamben. No centro destes estratagemas políticos encontra-se a decisão soberana, responsável por gerir a fome, ou melhor, guiar o destino do homem, da razão através da história, operação que acontece no texto.

Com Hélène Cixous (2017) vamos contextualizar o tipo de homogeneização em curso nesta guerra de aniquilação da diferença cujo campo de batalha é a escritura:

Sustento, sem equívoco, que existem escrituras bem *características*; que a escritura tem sido, até o momento, repressora, de maneira bem mais acentuada que se possa suspeitar, ou confessar, gerada por uma economia libidinal e cultural – portanto política, tipicamente masculina –, um lugar em que se reproduz mais ou menos conscientemente, de maneira temível, pois frequentemente ocultada, adornada com os charmes mistificadores da ficção, a repressão da mulher; um lugar que zombou grosseiramente de todos os signos da oposição sexual (e não da diferença) e em que a mulher nunca teve

seu discurso. Isto é tão grave e imperdoável que justamente a escritura é a *própria possibilidade de mudança*, o espaço de onde pode se lançar um pensamento subversivo, o movimento precursor de uma transformação das estruturas sociais e culturais. (Cixous in BRANDÃO, 2017, p.134)

Segundo a autora, a história da razão ou história do homem pode ser lida como a história do controle da linguagem por meio da repressão à mulher, identificando-se com o próprio desdobramento do falocentrismo. Aqui podemos articular o falocentrismo à cultura de direita conceituada por Jesi (2022), já que ambos possuem seu fundamento secreto na escritura masculina.

Ainda nesta articulação entre Jesi e Cixous, podemos pensar que as reproduções na economia cultural e libidinal masculina correspondem às ideias sem palavras das máquinas de guerra auto-fundantes: retomando sempre lugares comuns da representação e da repressão em uma espécie de circulação fechada do *segredo*, fazendo ecoar nada além de si mesma, conforme as palavras de Cixous “*Quase toda a história da escrita se confunde com a história da razão, na qual ela é ao mesmo tempo o efeito, a sustentação e um dos álibis privilegiados (...) Ela é o próprio falocentrismo que goza de si mesmo e se felicita.*” (Cixous in BRANDÃO, 2017, p.134)

A diferença a ser reprimida aqui é a mulher. Mas não é a mulher enquanto mulher geral ou tipo, como acontece nos registros do homem clássico (Idem). A escritura masculina busca aniquilar a singularidade, a diferença que está sob e aquém da sua cultura. Se a escritura até agora tem sido falocentrismo, masculina, através da sua capacidade de escapar, a escritura feminina tem a potência de estar dentro e fora simultaneamente, lugar da possibilidade de mudança. “*Seu* discurso”, para Cixous (2017), diz respeito a esta potência de singularidade frente à uniformização permanente, escrever para a mulher é a sua coreografia de se inscrever no texto e na existência, por meio de seu movimento único.

Se, conforme Kuniichi Uno (2014) identificou, debaixo das fronteiras há os sentidos criados e capturados pela razão, lado a lado há também a onda multiplicadora da diferença: mulheres reprimidas, roubadas, amordaçadas, enterradas sob o solo do discurso do homem “*Nós, as precoces, nós as reprimidas da cultura, as belas bocas amordaçadas, açaimadas de pólen, alentos interrompidos, nós, os labirintos, as escadas, os espaços pisoteados; as roubadas – somos “negras” e somos belas.*” (Cixous in BRANDÃO, 2017, p.134)

Para Cixous a mulher está dentro e aquém da cultura de direita, excedendo-a, transbordando-a:

Se a mulher sempre funcionou “dentro” do discurso do homem, significante sempre referido ao significante oposto que aniquila a energia específica, ou asfixia os sons tão diferentes, é tempo de desmontar esse “dentro”; que o exploda, o devolva, se aproprie dele, que o faça seu, compreendendo-o, pegando-o na sua boca, e, que, com os dentes dela, lhe morda a língua, que ela invente uma língua para destruí-lo. E verás com que facilidade ela poderá, a partir de “dentro”, de onde, sonolenta, estava agachada – parra jorrar dos lábios – transbordar de suas espumas. (Cixous in BRANDÃO, 2017, p. 146)

A membrana do “dentro” é composta pelos sentidos, os mesmos que aniquilam a diferença, cooptando a mulher para dentro da escritura masculina. Para acessar a diferença, é preciso que de dentro a mulher desmonte, exploda estes sentidos, inventando (politicamente) para tal uma nova língua. E é porque a escritura feminina está concomitantemente entre dentro e fora da escrita, no mesmo vai e vem da escrita de Nijinsky, que é possível uma dissolução do sentido, do dentro, das fronteiras e das identidades exclusivas.

Neste sentido o excesso também é um transbordamento de si, uma aposta, na escritura feminina não só as fronteiras externas estão em questão, mas especialmente o *eu* está em jogo na linguagem. Apostar é uma potência própria da “mulher”, de acordo com Cixous, trata-se de “*sua capacidade de se des-apropriar sem cálculo (...)*” (Cixous in BRANDÃO, 2017, p. 148).

Transbordar é borrar as bordas, inclusive de si, estar em transformação, ser carne espçosa sem fronteiras “*Eu sou Carne espçosa cantante, à qual acrescento não se sabe qual eu mais ou menos humano, mas, primeiramente, vivo por estar em transformação.*” (Cixous in BRANDÃO, 2017, p. 149). Distante do movimento e transbordamento está o homem, no seu medo do outro ele

(...) se agarra ao seu título, aos seus títulos, à bolsa de valores, cabeça, coroa e tudo o que é do seu chefe, a mulher zomba muito do medo da decapitação (ou castração), aventurando-se sem o temor masculino do anonimato com o qual ela lida sem se aniquilar: porque ela é doadora. (Idem, p. 148)

Agarrado aos sentidos, quer dizer, aos *seus* títulos, *sua* cabeça, *sua* coroa, *seu* chefe, a escritura masculina é sobre controle e dominação de si e do outro, usando de

maquinarias, como as já estudadas máquinas mitológica e antropológica, que fazem funcionar a identidade exclusiva, a lógica e a semântica dicotômica do verdadeiro ou falso. O medo do homem é de perder seus contornos e, por conseguinte, ver ruir a hierarquia de existências do falocentrismo. Tal angústia leva a esta incessante agrimensura de fronteiras cuja finalidade é capturar a inteligibilidade para conseguir reproduzir, tornar o outro disponível para si, ou seja, ainda nos registros de Cixous (2017), entender o funcionamento de algo para então fazê-lo não funcionar.

A mulher não tem medo do anonimato porque ela não busca capturar ou manipular o outro, mas atravessá-lo, voando.

Já a mulher não opera sobre si mesma essa regionalização em proveito do casal cabeça- sexo, que só se inscreve no interior de fronteiras. Sua libido é cósmica, como seu inconsciente é mundial: sua escrita também só pode continuar sem nunca inscrever ou discernir contornos, ousando essas travessias vertiginosas do outro. efêmeras e apaixonadas jornadas nele, nelas, que ela habita no tempo de contemplá-los o mais perto de seu inconsciente, desde o seu levantar; de amá-los o mais perto da pulsão, e em seguida o mais longe; toda impregnada dessas braçadeiras identificatórias ela vai, e passa ao infinito. Ela só quer conhecer por dentro aquilo do qual ela, excluída, não cessou de ouvir a ressonância da pré-linguagem. Ela deixou falar a outra língua em mil línguas, não conhece nem o muro nem a morte. Pela vida, ela nada recusa. Sua linguagem não contém, ela traz, não retém, torna possível. Lá onde isso se enuncia incomoda, rejubila-se por ser vários, ela não se defende contra as desconhecidas que se surpreendem por perceber ser, gozando do seu dom de alterabilidade. (Idem, p.149)

Cixous nos convida a apostar, na escritura, movimentação sem cálculo, sem pressuposições (nem mesmo a identidade), apenas o desejo de, movimento e transformação, fome pura, sem reter nada, especialmente o alimento mítico temporário dado pelas decisões soberanas, no lugar do controle, travessias vertiginosas do outro em jornadas desconhecidas. Ser carne espaçosa de libido cósmica é não ter medo das transformações, mas festejar e gozar do *seu* dom de alterabilidade: de ser vários, *entre voos*, entre dentro e fora. Voar, tornar-se um salto assim como Nijinsky o fez por meio da *sua* escritura feminina.

Não é por acaso que mulher está para o pássaro e para o ladrão assim como o ladrão está para a mulher e o pássaro: elas passam, elas desabalam, elas gozam proveito ao borrar a ordem do espaço, ao desorientá-lo, ao mudar os móveis de lugar, as coisas, os valores, quebrando, esvaziando as estruturas, virando o que é próprio de cabeça para baixo. (Idem, p.147)

Esta imagem da Cixous (2017) apresenta o furto/voo enquanto técnica da mulher, é um movimento ambíguo, pois ao mesmo tempo escapa como o ladrão e o pássaro, passando em linha reta pelas coisas sem interioriza-las, também desorienta esta ordem espacial e temporal instituída esvaziando seus sentidos. O furto/voo é uma arte antiga para as mulheres, tem a ver com encontrar fendas, em meio à repressão, por onde se possa transbordar “*inscrevendo com o seu corpo o diferencial*” (Idem, p.147)

Assim, escritura feminina resiste à morte, dando a volta de dentro para fora e de fora para dentro, voando entre os sentidos e roubando-os para transformar, escapando pelas frestas e se propagando “*Elas voltam de longe: de sempre: de ‘fora’, das terras onde as bruxas se manifestam em vida; debaixo, aquém de sua ‘cultura’(...)*” (Idem, p.132). O que escapa nestes furto/voos? Cixous nos dá algumas pistas “*(...) nossos sorrisos escapam, os risos de todas as nossas bocas (...) nós não os retemos e nem tememos que nos faltarão*” (Idem, p.133) o riso que é reprimido transborda a cultura de direita, dá a volta e atravessa destruindo a lei, torcendo “*a ‘verdade’ de tanto rir.*” (Idem, p.147)

O espaço e o tempo da aposta são aqueles da potência da linguagem, singulares, seja o do retorno das recalçadas da cultura, ou o tempo da coreografia esquizofrênica de Nijinsky. O espaço e o tempo do que excede e escreve o princípio do terceiro excluído com a própria existência: a carne e o texto. Aqui tudo está em tudo, sem representações, apenas proximidades, puro movimento que borra fronteiras em travessias efêmeras sem dominação, aqui não há homogeneização, mas vizinhança entre ritmos diferentes. Ao contrário do tempo imóvel da profecia realizada da religião da morte⁸ (JESI, 2022) que enunciam um destino inexorável para o Homem reprimindo e capturando o singular.

Explicitemos, mais uma vez, de uma outra perspectiva diferente – a do falocentrismo- o funcionamento das máquinas de guerra à diferença, que fabricam e gerem tensões: As máquinas capturam de fora para dentro da cultura, separando o que foi capturado de acordo com a lógica dual, assim, os dois termos cindidos agora possuem uma relação de contradição entre si, sendo tensionados até que seja feita uma

⁸ A manipulação do tempo, repleta de gestos e palavras, realizada pela máquina mitológica e antropológica da cultura de direita.

rearticulação dos conceitos, que ocorre por meio da decisão soberana em uma manipulação da escrita e linguagem com objetivos políticos específicos da cultura de direita, do discurso masculino.

“É preciso matar a falsa mulher que impede a viva de respirar” (Cixous in BRANDÃO, 2017, p. 136). A tensão do entreevo em Cixous, quer dizer, de estar reprimida dentro de uma cultura e ao mesmo tempo escapar dela, é o motor, a potência das travessias. E tudo isso ocorre no texto, escrever é aprender a falar, já que sua fala não é ouvida no interior do discurso masculino, é preciso inventar línguas insurgentes, novas, novos corpos fora desta economia libidinal e política falocêntrica, aqui aquela potência da linguagem, que estamos trabalhando desde o início do trabalho, é liberada. A escrita feminina é tensão em estado puro: fome de travessias.

Com a proliferação da diferença inauguram-se outros círculos mágicos que não os da cultura de direita, com espaços e tempos próprios, vizinhos uns dos outros.

CONCLUSÃO

Tendo como fio condutor a tensão, que é fabricada e utilizada pela cultura de direita, metafísica ou falocentrismo, denominados assim respectivamente por Furio Jesi, Giorgio Agamben e Hélène Cixous, realizamos uma travessia pelo funcionamento dessa tensão, ora aprisionadora, ora liberadora. Ao nos aproximarmos das tensões esbarramos em constelações vizinhas: mito, antropogênese, dança, escritura, mulher. Isso porque a jornada da aposta é singular, e essa foi uma tentativa *própria*, como disse certa vez Mario Pedrosa sobre a obra de Lygia Clark “A unicidade da coisa é patente: ninguém corta da mesma maneira”. Agora tentaremos mostrar o nosso corte, refazendo o caminho dessa jornada, medindo as distâncias.

Como mencionamos, a tensão faz parte de uma estratégia política específica, aquela da cultura dominante. A tensão é ambígua, se por um lado pressupõe movimento e pode ser potência, por outro, quando capturada pelas máquinas mitológicas e antropológicas do falocentrismo, é usada para forjar tal movimento.

A história é um constructo, um empreendimento escrito e dito pelos vencedores que pretendem conservar essa ordem. As palavras e os gestos, ou seja, os sentidos incrustados em nós fazem parte dessa ordem constituída historicamente. Jesi nos mostra que esse esforço de preservação não é natural, apesar de querer parecê-lo, mas sim um conjunto de dispositivos em pleno funcionamento.

O esforço é capturar, separar, manipular, homogeneizar e aniquilar as diferenças, as singularidades. Trata-se de enunciar o destino da humanidade, que deve segui-lo de forma implacável, mesmo que isso signifique exterminar todos os diferentes.

Aqui adentramos na máquina mitológica e na produção ininterrupta de mitos, narrativas feitas pela cultura de direita para mantê-la. É importante entender seu funcionamento: a fricção entre mito e mitologia, entre preexistente e existente gera materiais mitológicos que vão servir de guias morais, religiosos etc para os indivíduos e círculos sociais em que estão inseridos. Porém esses produtos são frutos de manipulações, já que a máquina mitológica apenas performa o movimento ao criar a tensão entre termos opostos, isso acontece porque é uma máquina autofundante, a saber, ela pressupõe o resultado desde o início da operação.

Esse primeiro capítulo é importante porque desnuda o funcionamento da cultura de direita e dessacraliza os mitos, investigando criticamente seus efeitos no mundo. Ao retirar o véu da história enquanto natural e desinteressada, Jesi nos mostra a potência desta estratégia para criarmos novos mundos, ou seja, novas narrativas, novas formas de vida que afrontem toda essa maquinaria da cultura de direita e sua dominação. A fome de mito é uma potência, e podemos pensar em uma fome que não seja capturada pelo poder dominante, uma fome pura de narrativas, com uma tensão que seja realmente movimento e criação.

Já em Giorgio Agamben há um pequeno deslocamento, se as máquinas funcionam de forma parecida, captura, cisão em polos opostos, rearticulação e manipulação da tensão, aqui a ênfase recai sobre a antropogênese, a tensão não é mais (só) entre mito e mitologia, mas entre humano e animal, apesar de mudança de foco, no final das contas as duas máquinas ainda decidem sobre a vida e a morte. Agamben retoma Aristóteles para mostrar a importância do movimento nessas máquinas de captura da existência: Aristóteles nunca define a vida, mas apenas separa e rearticula as formas de vida de um eito hierárquico. Esta é a base da máquina antropológica, já que essa fronteira que separa as formas de vida é móvel, abrindo espaço para decisões momentâneas que digam o que é vida e o que não é.

A tensão na máquina antropológica é capturada pela decisão soberana, não há movimento real, apenas forjado, pressuposto, a metafísica é justamente a imobilidade do ser. O caminho do humanismo, a realização do destino do homem, nada mais é do que o terreno da manutenção política dos poderes dominantes.

Aqui poderíamos mencionar as críticas pontuais tanto de Jesi ao humanismo. O primeiro o faz por meio da crítica a Kerényi, que recai na cultura de direita, apesar de não apoiá-la publicamente, ao cindir o mito em duas categorias, genuíno e tecnicizado. Para Jesi, afirmar a existência de mito genuíno é reafirmar que há verdades dentro desta cultura dominante, que o caminho da verdade é o mesmo da identidade, da revelação da verdade para o *eu* diante do mundo. O humanista critica os sentidos da ordem instituída ao mesmo tempo em que as reafirma.

A máquina antropológica é gestão da fome de homem da antropogênese e do humanismo. A cada decisão soberana ela diz do homem e do animal de forma temporária e política.

Ambos os autores reiteram que o centro das máquinas esconde o vazio. É justamente no vazio que a tensão pode ter lugar, bem como a imitação do movimento e sua captura e maleabilidade.

A tensão entre os sentidos, o vazio no centro é o que empresta a potência única de estar, simultaneamente, dentro e fora da cultura de direita. Potência que só pode ser efetivada se o movimento não for capturado por nenhuma decisão. O que implicaria uma perda de controle, ou como denominamos no trabalho, aposta.

Em Agamben conseguimos ver que a máquina está em funcionamento há algum tempo, pelo menos desde Aristóteles, bem como notar que o que está em jogo nestes funcionamentos é a vida e a morte: Se a máquina mitológica é narrativa, a máquina antropológica também o é, elas se dão com e na linguagem. Assim Agamben abre outras potências para lidar com esses maquinários, especificamente o da linguagem: não diz respeito a ignorar o poderio das mesmas, mas é preciso deslocar os sentidos que compõem a cultura de direita, portanto, as máquinas, é preciso afirmar e negar simultaneamente os termos contraditórios em tensão, estar dentro e fora para entortar os sentidos e excedê-los. A fome não deve se deixar capturar.

Com Kuniichi Uno e Nijinsky começam as aproximações, já que neste campo só podemos falar em experimentação singular, aqui será com o diário do bailarino, escrito com o mesmo desejo da dança, com o corpo. Para Uno, Nijinsky escreve o princípio do terceiro excluído, em uma coreografia muito própria, implodindo a lei dos sentidos dicotômicos friccionando-os um contra o outro, existência e não existência, verdade e falsidade coexistem e abrem para o movimento aquém da cultura de direita.

É com essa coreografia que se dá a aposta, ou seja, o *se* colocar em jogo na *sua* escrita. Diferente do tempo da profecia realizada do destino do homem na cultura de direita, aqui não há pressuposições, o vazio e a tensão recuperam sua potência de movimento sem cálculo. A fome é fome de dança, sem alimento mítico, pura tensão em movimento.

Se os capítulos anteriores trazem a escrita, no limiar se chama o corpo em dança escrevendo a si e eclodindo a identidade, bem como os sentidos em ritmos próximos, fora da hierarquia da decisão soberana e no terreno das diferenças.

Com Hélène Cixous identificamos a cultura dominante, de direita, a metafísica, a história, bem como seus dispositivos maquinários com o falocentrismo. O discurso masculino é o que domina e reprime a escritura feminina.

A escritura feminina é a que resiste à morte. Ela resiste porque, além de estar submersa no discurso masculino, excede-o por meio do furto/voo. Estando dentro e fora ela atravessa em linha reta, sem capturar nem reter, desorientando a ordem instituída, rindo, no seu excesso, até entortar os sentidos. Furto/voo é buscar fendas por onde transbordar, na e com a *sua* escrita, forjando uma língua, sem medo do anonimato, esse medo do homem em perder as suas fronteiras e sua ordem, seus privilégios hierárquicos. Para Cixous a fome é de jornadas, de transformações vertiginosas no outro, travessias.

Nos capítulos anteriores encontramos a potência das máquinas, a saber, o vazio e a tensão, o dentro e fora, a escrita e em Nijinsky o corpo que se escreve na *sua* singularidade, em Cixous encontraremos o corpo da mulher que *se* escreve na *sua* diferença.

Sendo assim, é difícil falar em uma conclusão única, já que o trabalho se pretende uma jornada por singulares experimentações. Algumas questões atravessam o corpo da pesquisa, como proposta inicial de utilizar a tensão produzida pelas máquinas mitológicas e antropológicas destravando o movimento capturado no interior dessas tensões pela decisão. Liberar o movimento em apostas requer o jogo de si, já que também somos sujeitos formados na cultura de direita, escrever é um caminho interessante, pois a linguagem é um campo privilegiado de existência política, com a potência de estar dentro e fora simultaneamente a escritura reprimiu corpos e, com essa mesma potência, pode liberá-los. É na escritura que se escreve e que podemos criar politicamente outros círculos mágicos proliferadores da diferença.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Izabel et al (Org.). **Traduções da Cultura: Perspectivas Feministas** (1970 - 2010). Florianópolis: Edufal, 2017.

GIORGIO, agamben. **O aberto. O homem e o animal** - 2º ed.- Edição revista – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

_____. **Uso dos corpos**. – 1. Ed. – São Paulo :Boitempo, 2017.

_____. **HomoSacer: O poder soberano e a vida nua I** - Bela Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **O talismã de FurioJesi**. outra travessia, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. n. 19 (2015): a arte, entre a festa e a mudez, p 77 a 79, dezembro, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n19p77/30945>

Haraway, Donna. **A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 27-64, jan./jun. 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parents.pdf

Jesi, Furio. **A festa e a máquina mitológica**. Boletim de Pesquisa NELIC, Florianópolis, SC, Brasil. v. 14, n. 22 - Dossiê FurioJesi (2014). p. 26 a 58. Dezembro, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784X.2014v14n22p26/29476>

_____. **Cultura de direita**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2022.

_____. **Gastronomia mitológica**. Sopro, n. 52, p. 4 a 9, junho, 2018. Disponível em: <http://culturaebarbarie.org/sopro/n52scribd.pdf>

KUNZRU, Hari; HARAWAY, Donna Jeanne; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do ciborgue: As vertigens do pos-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

UNO, KUNIICHI. **A gênese de um corpo desconhecido**- 2º ed. São Paulo : n-1 Edições, 2012.